



DOSSIÊ



## Masculinidades Negras no Livro Didático de Língua Portuguesa

Fábio Araújo OLIVEIRA, *UNEB e UNICAMP*

Neste trabalho, analisamos o discurso sobre as masculinidades negras no livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental no Brasil. Para isso, utilizamos a teoria da análise do discurso pecheutiana. Os livros selecionados para análise são dois: um do 5º e outro do 9º ano que estão entre os mais solicitados pelos professores da rede pública e comprados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em suas duas últimas edições. Como o livro didático é um importante instrumento para a educação escolar formal de crianças e adolescentes, considerando a sua utilização e o seu predomínio nesse processo de escolarização, bem como o seu potencial em “transmissão” de ideologia, entendemos que é de suma importância a sua análise em vários aspectos. No caso do livro didático de português, há uma especificidade: ele “veicula” ideologias muito diversas, que, inclusive, podem ser conflitantes, se considerarmos o fato de que é um instrumento que traz textos de todos os tipos, de todos os gêneros, de diversas áreas e de diversas épocas. No que diz respeito às masculinidades negras, a questão essencial que se coloca é se há representação dessas subjetividades e, caso haja, como ela é construída e quais sentidos “veiculam”. Consideramos essencial avaliar como o livro didático de português trata a questão das masculinidades negras, se ele reproduz ou questiona sentidos considerados tóxicos do masculino; se está aberto para uma diversidade das masculinidades, considerando possibilidades múltiplas de sexualidade, gênero e classe, por exemplo; e se reproduz, silencia ou traz à reflexão questões ligadas ao racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descriminalização do aborto. Audiência pública. Enunciação. Cena enunciativa. Hierarquia de saberes.



## O livro didático no Brasil: brevíssimo histórico

Na década de 1930, no Brasil, surgiu o primeiro programa governamental que colocou o livro em foco. Foi a criação do Instituto Nacional do Livro, pelo governo federal, através do DECRETO-LEI N<sup>o</sup> 93, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1937. Um ano depois, surgiu a chamada Lei do Livro Didático, ou seja, o DECRETO-LEI N<sup>o</sup> 1.006, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1938, que estabelecia as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Em 26 de dezembro de 1945, o DECRETO-LEI N<sup>o</sup> 8.460 consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo o papel de sua escolha ao professor, já que antes devia ser escolhido pelos diretores, nas escolas pré-primárias e primárias, e pelos professores, nas escolas normais, profissionais e secundárias.

Na década de 1980, por meio do DECRETO no. 91.542, de 19/08/85, foi criado o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), que começou a ser executado em 1986. Já os critérios para avaliação dos livros didáticos foram definidos em 1993 e 1994, com a publicação “Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos”, envolvendo MEC/FAE/UNESCO.

1996 - É iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro “Guia de Livros Didáticos” de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Os livros foram avaliados pelo MEC conforme critérios previamente discutidos. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático. (FNDE, 2018)

De 1997 até hoje, o PNLD está sob responsabilidade do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). No final da década de 1990, o programa adquiria, de forma continuada, livros didáticos de alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, história e geografia para todos os alunos do ensino fundamental nas escolas públicas. No início da década de 2000, foram incluídos no programa dicionários de língua portuguesa para os alunos da 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série.

Na segunda metade da década de 2010, através do Decreto no. 9.099, de 18 de julho de 2017, foram unificadas as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas



pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Desse modo, houve também a inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa, além das obras didáticas e literárias, como, por exemplo, obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar.

O PNLD distribui gratuitamente os livros avaliados, para cada ciclo de ensino, a cada três anos, havendo reposição de livros nesses intervalos. Os anos em que são contempladas com a distribuição as séries iniciais do ensino fundamental, as séries finais e o ensino médio não coincidem. Os anos iniciais foram contemplados em 2001, 2004, 2007, 2010, 2013 e 2016, e os anos finais em 2002, 2005, 2008, 2011, 2014 e 2017.

## O livro didático de língua portuguesa

Ao longo do tempo, o livro didático de língua portuguesa no Brasil sofreu modificações significativas.

O ensino de Língua Portuguesa, desde o seu surgimento no século XIX, utiliza-se de materiais didáticos (antologias, seletas, florilégios, livros de leitura, etc.) que propõem ao aluno uma coletânea de textos para leitura. Esse processo é bastante complexo, pois envolve escolhas curriculares e um trabalho gráfico-editorial específico, visto que os textos serão “retirados” de suas mídias originais (jornais, revistas, sites da internet), adaptados e/ou fragmentados por questões didáticas, para compor o trabalho com o ensino de leitura. Desta forma, a coleção precisa oferecer textos que propiciem uma boa experiência de leitura, contribuindo para a formação do leitor proficiente, especialmente do leitor literário. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2016, p. 11-12)

Até a década de 1970, o livro didático de português abordava basicamente o ensino de leitura, principalmente de obras literárias consagradas das chamadas literatura brasileira, literatura portuguesa e literatura infanto-juvenil, e o ensino de gramática tradicional.

Nas décadas de 1960 e 1970, surgiram várias teorias linguísticas que colocaram em foco a língua em funcionamento, considerando os sujeitos e os contextos envolvidos nos usos linguísticos. Dessas teorias, duas foram bastante mobilizadas pela área de ensino e aprendizagem de língua, como a linguística aplicada e a didática de línguas, nas propostas



de mudanças de paradigmas do ensino de língua portuguesa: a linguística textual e a sociolinguística.

Com base na sociolinguística, criticou-se o ensino tradicional gramaticista, que só privilegiava a abordagem da norma-padrão da língua, e foi proposto um ensino que respeitasse a diversidade da língua, ainda que pondo em foco as normas urbanas de prestígio:

Por tais razões, as coleções de livros didáticos de Português devem colaborar com esse esforço, integrando as práticas de linguagem e realizando um trabalho reflexivo sobre os usos e normas do português brasileiro em diferentes situações de interação, especialmente das normas urbanas de prestígio. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2016, p. 11)

Com base na linguística textual, também foi criticado o ensino tradicional gramaticista, que propunha um ensino de leitura e produção de texto desarticulado do ensino de gramática, e foi proposto um ensino que colocasse o texto em foco para o trabalho com todas as habilidades da língua:

As aulas de Língua Portuguesa e o trabalho com a formação do leitor e do produtor de texto, assim como do aluno que reflete conscientemente sobre os mais diversos fenômenos linguísticos, devem priorizar o trabalho com o texto como unidade central de trabalho pedagógico. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2016, p. 10)

Nessa perspectiva, busca-se que o livro didático contemporâneo de língua portuguesa seja uma coletânea de textos de diversos gêneros textuais, com ilustrações e atividades predominantemente relacionadas a esses textos, através dos quais se devem trabalhar de forma articulada leitura e produção textual, gramática e oralidade.

## **O corpus**

Nesse trabalho, analisaremos o discurso sobre as masculinidades em dois livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental, um de 5<sup>o</sup> e outro de 9<sup>o</sup> ano, das últimas edições do PNLD, ou seja, 2016 para o 5<sup>o</sup> ano, e 2017 para o 9<sup>o</sup> ano.<sup>1</sup>

---

1 Conferir as tabelas dos livros mais comprados nos PNLD de 2016 e 2017 nos ANEXOS II e I, respectivamente, deste trabalho.



Em relação às séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), foram 6 livros selecionados pelo PNLD<sup>2</sup>. Para esta pesquisa, analisamos o livro de 9º ano mais solicitado pelos professores e adquirido pelas escolas públicas em 2017, ou seja, *Português Linguagens* (CEREJA e MAGALHÃES, 2017b). Foram comprados e distribuídos 1.255.918 livros do aluno e 30.315 manuais do professor.

Em relação às séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), foram 16 livros selecionados pelo PNLD<sup>3</sup>. Para esta pesquisa, analisamos o sexto livro de 5º ano mais solicitado pelos professores e adquirido pelas escolas públicas em 2016, ou seja, *Português Linguagens* (CEREJA e MAGALHÃES, 2017a). Foram comprados e distribuídos 152.758 livros do aluno e 5.620 manuais do professor.

Optamos em analisar livros da mesma coleção, ou seja, com os mesmos autores e mesma editora, mas de níveis distintos, para verificarmos se há diferenças significativas nas abordagens sobre as masculinidades negras entre os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental.

## O discurso das masculinidades

Nos anos de 1960, em meio a um contexto de mudanças de paradigmas e agitação política na França, surgiu a análise do discurso, criada por Michel Pêcheux:

A Análise do Discurso de Pêcheux foi construída a partir do confronto de três áreas diferentes de conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, formando uma espécie de Tríplice Aliança. Através da releitura de Marx feita por Althusser, da releitura de Freud por Lacan, e da releitura do estruturalismo linguístico de Saussure feita pelo próprio Pêcheux, a Análise do Discurso nasceu tentando suprimir faltas que cada uma dessas áreas possuía isoladamente, porque cria um objeto que está na fronteira de todas elas: o discurso. (OLIVEIRA, 2009, p. 65-6)

Nessa perspectiva, rompendo com uma tradição de abordagem do sujeito como ego, da língua como sistema desvinculado da história, e

---

<sup>2</sup> Ver ANEXO I.

<sup>3</sup> Ver ANEXO II.



do sentido como algo inequívoco a ser decodificado, surge a noção de discurso:

O discurso é efeito de sentidos produzido entre sujeitos em contexto situacional e histórico determinado. Pêcheux (In: GADET e HAK, 1997, cap. 3, p. 82) já havia formulado esse conceito como “um ‘efeito de sentido’ entre os pontos A e B”, na publicação de *Análise Automática do Discurso* (1969), texto fundador da *Análise do Discurso* (AD). Para ele, o discurso não funciona necessariamente na transmissão de informação, como é compreendida a mensagem para a teoria da comunicação. (OLIVEIRA, 2015, p. 77)

É através dessa noção de discurso que interpretamos o discurso das masculinidades.

O discurso das masculinidades é uma complexa rede de efeitos de sentido relacionados a um conjunto de práticas diversas de criação e/ou “colonização” de novas e/ou diferentes formas de masculinidade, bem como de abordagens sobre tais formas, o que produz o sentido de uma pluralização de formas de identificação masculina, em contraposição à sustentação de uma masculinidade homogênea. (OLIVEIRA, 2015, p. 81)

Assim, a partir do discurso das masculinidades, produz-se na memória discursiva a ideia do masculino como algo plural e em constante e permanente construção.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2003, p. 31)

A partir de tal discurso, interpretamos também a noção de masculinidades:

Compreendemos as “masculinidades”, em tal discurso, como posições de sujeito marcadas pela ideologia do que é ser masculino, ou seja, inscrições de indivíduos na linguagem regidas por relações simbólicas e/ou imaginárias referentes ao que é ser homem. Essas posições são predominantemente assumidas por homens, embora mulheres possam ocupá-las também. (OLIVEIRA, 2015, p. 81)



É com base nesse arcabouço teórico-metodológico que vamos analisar o discurso sobre as masculinidades negras no livro didático de português no Brasil.

## **As masculinidades negras no livro didático**

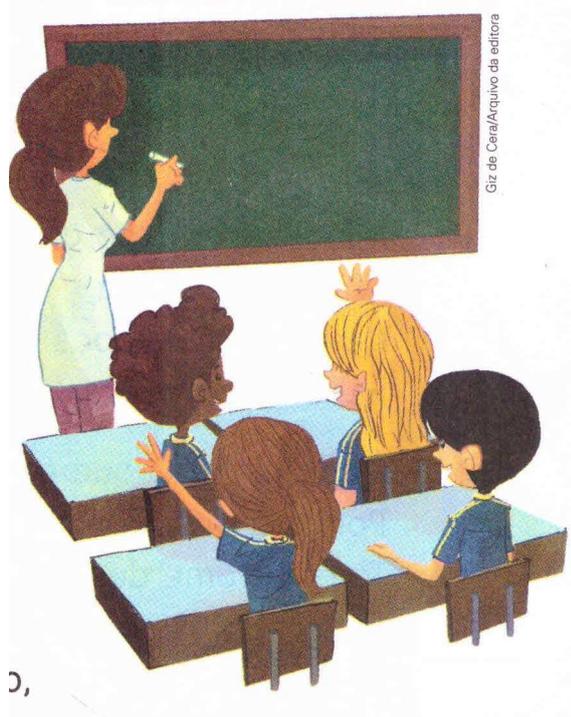
Neste trabalho, interessa-nos analisar um aspecto das masculinidades: as masculinidades negras. Ao relacionarmos o adjetivo “negras” ao substantivo “masculinidades”, formando um sintagma, e ao considerarmos a história, a memória discursiva para significar essa estrutura, estamos relacionando gênero à raça, o que nos possibilita interpretar quais os efeitos dos sentidos de raça negra na construção do gênero masculino.

Considerando que os sentidos de masculinidades negras são construídos também em relação com outras masculinidades, iremos analisá-las comparando-as com outras que aparecem no livro didático em questão, afim de verificarmos relações de poder, hierarquia, construção de prestígio ou estigma. Na análise, encontramos algumas propriedades discursivas; apresentaremos algumas delas a partir de agora.

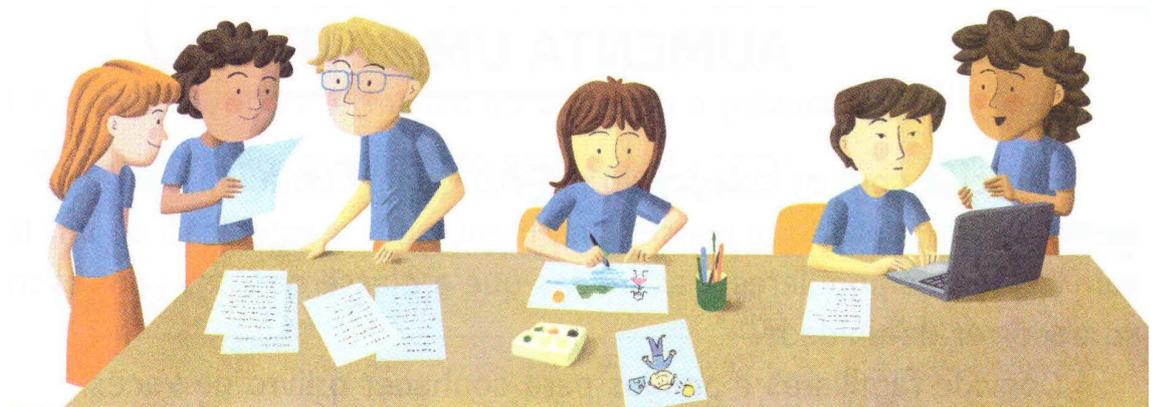
### **a) Predominância da imagem do branco em relação à do negro**

Tanto no livro do 5º ano, quanto no do 9º ano, há imagens para ilustrar textos diversos e atividades em geral, principalmente fotos e desenhos. Em algumas dessas imagens, as masculinidades negras são representadas, mas são nos desenhos que verificamos ocorrência maior dessa representação.

Nas ilustrações do livro do 5º ano, há uma espécie de fórmula: onde há um grupo de sujeitos, geralmente crianças, um ou alguns deles são negros ou negras. Para um grupo de três, quatro ou cinco sujeitos, é comum encontrarmos a presença de um negro ou uma negra. A configuração de um grupo de quatro sujeitos é a mais recorrente. Para grupos maiores, o número de negros e negras pode aumentar ou não, mas sempre em minoria em relação aos demais, que são brancos e brancas. Através dessa fórmula, a masculinidade negra aparece em todo o livro, assim como a mulher negra também.



Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017a, p. 35.

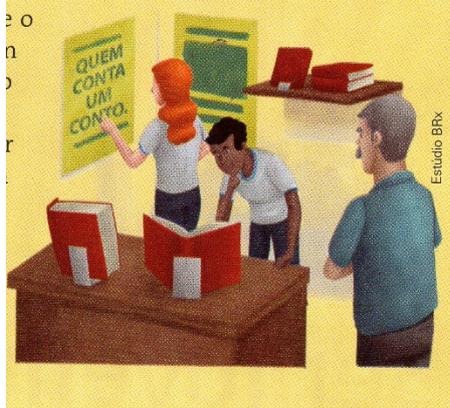


Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017a, p. 86.

No livro do 9º ano, a imagem do negro só aparece praticamente na metade do livro, no fim da segunda unidade, na página 135, e a de uma negra na página 21, enquanto brancos e brancas aparecem já nas primeiras imagens trazidas pelo livro, que tem 288 páginas e 4 unidades. Aqui também os negros e negras aparecem bem menos; e aqui também costumam ser minoria nas representações de grupos, mas a fórmula recorrente de normalmente ter um negro ou uma negra no grupo é



abandonada, ou seja, há muitas representações de grupo só de brancos e brancas. Entretanto, a fórmula normalmente é atualizada quando um negro ou uma negra aparecem.



**Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 135.**

No livro do 5º ano, para crianças ainda, lembraram que o sujeito negro tinha de estar no livro, porém o colocaram de forma diferenciada do branco: mais brancos e menos negros. Esse modo diferenciado constitui-se em dar maior visibilidade a um grupo. Ter visibilidade é ter existência. No livro do 9º ano, para adolescentes, até metade da obra silenciaram isso, ou seja, que o homem negro também tinha de estar no livro.

(...) distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo “sem medo” não digo “com coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que queria dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo). As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. (ORLANDI, 2003, p. 82-3)

Aqui temos um silêncio constitutivo. O silêncio do negro. Silenciamento que não dá visibilidade nem voz a um grupo. E ter visibilidade e voz é ter existência (RIBEIRO, 2017).

Até aqui nos deparamos com duas regularidades que significam a predominância do branco em relação ao negro: a) a predominância da representação do branco em todo o livro; b) a predominância do branco



na representação de grupos, sejam eles de crianças, de adolescentes e jovens ou de adultos. No entanto, tais regularidades silenciam dados da realidade do Brasil, em que a maioria é negra<sup>4</sup>, e também da realidade da escola pública brasileira. Em situação ideal de escolarização, uma criança de 10 ou 11 anos estaria cursando o 5º ano do ensino fundamental, e um adolescente de 14 ou 15 cursando o 9º ano; em nossa realidade, porém, muitas crianças, adolescentes e jovens estão estudando na escola pública com idade avançada ao que é considerado ideal. No ensino público, certamente a maioria dessas crianças e adolescentes são negros e negras também, refletindo o que acontece na sociedade.

Entretanto, quanto ao traço racial das masculinidades, os desenhos dos livros aqui analisados não refletem tal realidade. E esses são livros indicados para distribuição gratuita na escola pública de ensino fundamental. Nesse sentido, o livro didático atua na construção de um imaginário em que não só a escolarização é predominantemente branca, como o mundo também. E os dados estatísticos parecem acompanhar esse imaginário. Segundo o IBGE de 2014, por exemplo:

É justamente no momento crítico da adolescência que a desigualdade se acentua no âmbito da educação. Na faixa dos 15 aos 17 anos, que corresponde ao período ideal em que o aluno deve cursar o ensino médio, pouco mais de 55% de pretos e pardos permaneciam na escola em 2014, contra 70,7% dos estudantes brancos (o que já é um índice bastante aquém da meta estabelecida pelo Plano Nacional de Educação para 2024, de ter 85% dos jovens entre 15 e 17 anos cursando a etapa). (BARROS, 2017)

Caberia investigar os efeitos dessa predominância do branco em relação ao negro no livro didático tanto na construção da masculinidade negra, quanto no desempenho escolar de sujeitos masculinos negros, mas não o faremos aqui, por não termos dados suficientes para análise.

### **b) Predominância de cor menos escura na imagem do negro**

Quando falamos de desenhos de negros e negras nos livros do 5º e do 9º ano, verificamos que a tonalidade da cor utilizada para

---

4 Segundo dados do IBGE de 2014 (BARROS, R. Acesso de negros à educação melhora em termos quantitativos, mas não qualitativos In: *Revista Educação*. Edição 238. 13 de abril de 2017. <http://www.revistaeducacao.com.br/aceso-de-negros-educacao-melhora-em-termos-quantitativos-mas-nao-qualitativos/>, acessado em 22 de janeiro de 2019.

representar a raça não é a mesma sempre: são representados e representadas por várias tonalidades do marrom. Do conjunto de homens negros, há muito mais sujeitos representados pelo marrom mais claro, como também são representados os pouquíssimos indígenas que aparecem no livro, do que por marrom escuro, mais próximo do preto.



Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017a, p. 87.

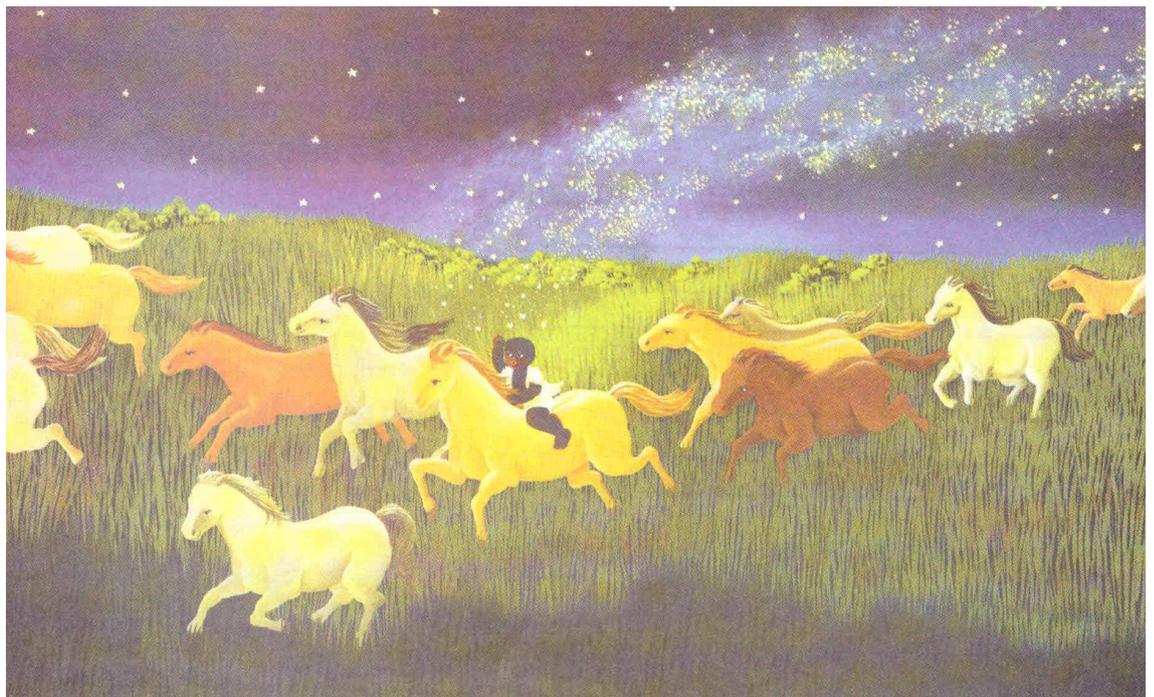


Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 232.



Nesse sentido, em relação à quantidade, à visibilidade, à representação, primeiro os brancos, depois os morenos ou pardos e, por fim, os pretos nas ilustrações. Assim vai sendo sutilmente construída uma hierarquia das masculinidades em relação à questão racial nos livros analisados.

A maior parte desses desenhos são produzidos especialmente para os livros didáticos. No livro do 5º ano, entretanto, encontramos falha no esquema de cores usadas para representar as masculinidades negras nas suas próprias ilustrações: quando a representação do negro foi uma personagem fictícia e do folclore gaúcho, ou seja, “O negrinho do pastoreio”, aí foi utilizada a cor preta na representação do negro. O que isto quer dizer? Aqui, essa representação parece ser efeito do nome “negrinho” do título do conto popular brasileiro, como também parece ser efeito do discurso lendário com bastante circulação; representar o preto com a cor preta só de modo folclórico foi possível.

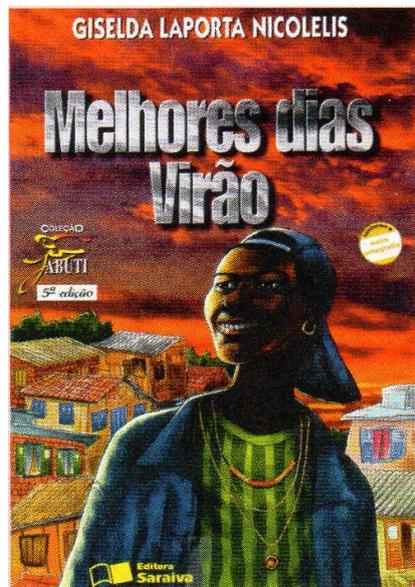


**Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017a, p. 25.**

É importante lembrar que quando as ilustrações não foram produzidas pela editora para ilustrar os livros didáticos, o esquema de cores usadas na representação das masculinidades negras também teve



falha, ou seja, algo de novo se irrompeu na regularidade do discurso. Assim, os poucos desenhos retirados de outros livros, reportagens etc., que foram utilizados nesses livros didáticos com imagens de negro, puderam apresentar um sujeito de cor preta.



Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 215.

### Adolescentes contra o racismo – Depoimento de Gabrielle dos Santos Oliveira

Bom dia a todos! Sou Gabrielle, tenho 15 anos, venho do município de Valente, faço parte do Comitê Estadual da Bahia e sou membro da equipe Pró Selo do meu município, juntamente com outros adolescentes, participando de discussões e buscando ações de melhorias para qualidade de vida de nossas crianças e adolescentes.

O que eu acho do racismo: Eu sou negra e já fui vítima desse preconceito. Sei como isso afeta psicologicamente as pessoas, fazendo com que elas se sintam inferiores a outras pessoas, o que não é certo e nem é verdade.



Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 227.

As fotos dos livros analisados, ao mostrarem masculinidades negras, seguem o esquema dos desenhos: do conjunto de homens



negros, há muito mais sujeitos representados pelo tom de pele mais claro do que pelo tom de pele mais escuro.

É importante observar também que os desenhos produzidos pelos livros são marcados pelos mesmos traços para representar boca, nariz, olhos e orelhas de sujeitos brancos, pardos e negros, enquanto os desenhos retirados de outras fontes que estão nessas coletâneas, ao representar o negro, podem representar características físicas típicas da raça negra, como lábios carnudos e narizes mais largos.

### **c) Predominância da representação de um cotidiano típico aos modos de existência acessíveis às classes médias**

Ao longo dos livros do 5<sup>o</sup> e do 9<sup>o</sup> ano, é interessante observar a predominância do universo que é construído para o aluno através de imagens e textos. São casas ou apartamentos confortáveis com sofás, tapetes felpudos e coloridos, luminárias, abajur; quartos individuais com cama, travesseiros, espelho, lençóis coloridos; brinquedos diversos; escolas bem cuidadas, limpas e organizadas, com suas professoras brancas; material escolar farto, com lápis e papéis coloridos, porta lápis, tesouras, cola, grafites; computadores, tablets, smartphones, jogos eletrônicos; passeios na praia; sobremesas em geral, sorvetes, frutas baratas e caras, como pêssego; carros, inclusive importados.

Nessa perspectiva, não há muito espaço para o simples, para o humilde. Não há lugar para a vida das classes mais empobrecidas, dos sujeitos que vivem nas periferias, nas favelas; não há lugar para a vida do pobre. E como pobres predominantemente são negros no Brasil, não há lugar para a maior parte da população negra. Segundo o IBGE:

No Brasil, em 2016, a renda total apropriada pelos 10% com mais rendimentos (R\$ 6,551 mil) era 3,4 vezes maior que o total de renda apropriado pelos 40% (R\$ 401) com menos rendimentos, embora a relação variasse dependendo do estado.

Entre as pessoas com os 10% menores rendimentos do país, a parcela da população de pretos ou pardos chega a 78,5%, contra 20,8% de brancos. No outro extremo, dos 10% com maiores rendimentos, pretos ou pardos respondiam por apenas 24,8%.

A maior diferença estava no Sudeste, onde os pretos ou pardos representavam 46,4% da população com rendimentos, mas sua participação entre os 10% com mais rendimentos era de 16,4%, uma diferença de 30 pontos percentuais. (OLIVEIRA, 2017)





privilegiou as obras das mulheres nesta coletânea, ou as duas coisas. Em qualquer uma das hipóteses, há uma associação entre autoria de mulheres e literatura infantil. O livro possui quatro capítulos, e em cada um deles uma autora é homenageada em um box com sua foto e uma breve biografia e currículo. Todas as autoras homenageadas são brancas. Todas elas são famosas na literatura infanto-juvenil.

No livro do 9º ano, o número de textos de homens autores é muito maior que o número de textos de mulheres. Contos, crônicas, poemas, reportagens, charges, fotos etc; em todos os gêneros os homens predominam. Ou mais homens escrevem para adolescentes e jovens, ou o livro privilegiou as obras de homens nesta coletânea, ou as duas coisas. Em qualquer uma das hipóteses, há uma associação entre autoria de homens e literatura juvenil e para adultos. O livro também possui quatro capítulos, mas aqui, em cada um deles, mais de um autor é homenageado em um box, também com sua foto e uma breve biografia e currículo. São sete homens e duas mulheres destacados, todos também brancos e conhecidos ou famosos da literatura; são autores que escrevem para jovens e/ou adultos.

Não sabemos qual é o critério de escolha de autores, autoras e temas para compor essas coletâneas, mas sabemos que as escolhas feitas têm silenciado muitas vozes. A insistência pela quase exclusividade de autores, autoras e obras clássicas, por exemplo, tem repetido temas e deixado muitos outros de fora. Cabe perguntar, então, por que o livro didático de português tem silenciado autores e autoras negros da literatura infanto-juvenil, autores e autoras da literatura infanto-juvenil que abordam a questão das masculinidades, e também das masculinidades negras.

### e) Silenciamento do homem negro

Se em relação às imagens, principalmente desenhos e fotos, há uma predominância do branco em relação ao negro, na escrita o que há é um silenciamento das masculinidades negras. No livro do 5º ano, na escrita aparece apenas uma referência em relação ao negro: o sintagma “Negrinho do pastoreio”, título de um conto popular; tal referência foi abordada na seção “**Predominância de cor menos escura na imagem do negro**”. No livro do 9º ano, aparecem referências ao homem negro em um artigo jornalístico sobre racismo:



“Olhe por exemplo para o presidente da Fifa, Joseph Blatter. Branco e suíço. Seus antecessores sempre foram brancos das elites de seus países [...]. Negros só ocuparam posições laterais no poder. [...] Chegamos ao Brasil, à CBF. Todos os presidentes da confederação até hoje foram brancos. [...]

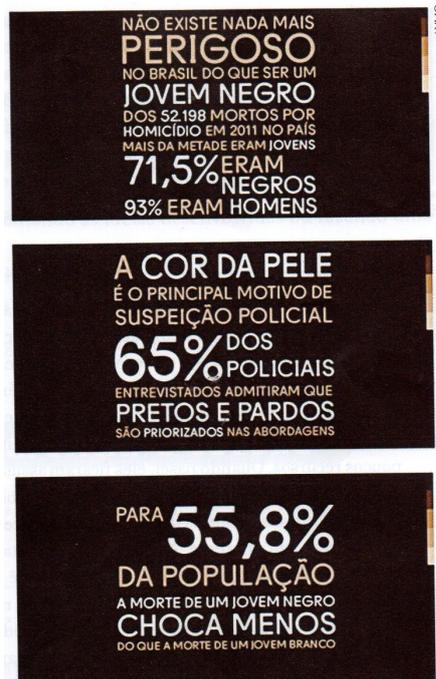
Agora, pegue uma foto do presidente de seu clube. Se olharmos para as imagens dos presidentes dos 12 grandes times nacionais, no máximo, você verá o moreno Roberto Dinamite. [...]

[...] Vamos aos bancos de reservas. Nos grandes times nacionais, há dois técnicos negros [...].

[...] E não há negros no futebol? Ora, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. [...] E nenhum deles teve a capacidade de ascender a cargos importantes após o final de sua carreira? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista?

(CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 226-7)

O texto denuncia o racismo em relação ao negro. Quanto à escrita, só aqui e na estatística apresentada a seguir a masculinidade negra<sup>6</sup> foi abordada e discutida no livro.



Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017b, p. 227.

6 Na escrita, a mulher negra também só foi citada em um texto no livro do 9º ano, também para discutir o racismo.



Embora o livro do 9º ano apresente uma discussão sobre o racismo, e nesse momento se possa fazer uma reflexão crítica sobre as masculinidades negras, a escrita, ao longo da coletânea, silencia essas posições de sujeito. O efeito disso é que não só as possibilidades de identificação com personagens negros sejam silenciadas, como também a possibilidade de abordagem de questões específicas do grupo.

Assim, o que temos é um livro cujos textos selecionados predominantemente fazem referência a um menino, jovem ou homem não marcado explicitamente pela questão racial. Esse sujeito não marcado, em oposição aos sujeitos caracterizados por traços de identidade racial, produz o efeito de naturalização e universalização daquele sujeito e construção desses outros como desvios ou exceções.

A estatística apresentada pelo livro mostra bem que os jovens negros possuem demandas específicas em nossa sociedade, e desse grupo os mais pobres, que são a maioria, costumam ser mais interpretados a partir de pré-construídos controlados por um imaginário que os inferioriza. Os pré-construídos são o que é dito em outro lugar, uma voz sem nome, mas são atualizados nas palavras do sujeito, atuando na sua significação (ORLANDI, 2003, p. 32).

No 9º ano da escola pública, em que os alunos predominantemente são de classes populares e podem estar com 14 ou 15 anos, em situação ideal, ou com uma defasagem de até 5 anos em média - ou seja, entre 14 e 20 anos-, discutir sobre questões que possibilitem entender melhor sua realidade específica se faz necessário.

Nos dois textos em questão do livro do 9º ano, na sua construção temos as seguintes associações:

**Homem branco:** presidente da Fifa, suíço, elite, todos os presidentes da CBF, presidentes dos grandes times do Brasil.

**Homem negro:** posições laterais de poder; nos grandes times nacionais, no máximo você verá o moreno Roberto Dinamite; nos grandes times nacionais, nos bancos de reserva, há [apenas] dois técnicos negros; não existe nada mais perigoso no Brasil do que ser jovem negro; 65% dos policiais entrevistados admitiram que pretos e pardos são priorizados nas abordagens; para 55,8% da população a morte de um jovem negro choca menos do que a morte de um jovem branco.

Tais associações apontam para uma generalização das posições de privilégio e de poder do homem branco, enquanto o negro é



generalizado em posições periféricas, de injustiça e de desprestígio. Isso reflete o imaginário ordinário da sociedade brasileira, a forma como o senso comum constrói imagens antecipadas do sujeito. E o imaginário também é um elemento importante na construção de realidade, na medida em que ele atua na construção de sentidos. Em Análise do Discurso, as formações imaginárias referem-se ao jogo de imagens que o sujeito faz do outro, de si mesmo e do mundo, considerando tanto as possibilidades que a língua lhe oferece, como os contextos de produção e a memória.

Mais uma vez, embora o livro do 9º ano apresente uma discussão sobre o racismo, e nesse momento se possa fazer uma reflexão crítica sobre as masculinidades negras, ele se equivoca justamente no que traz como denúncia. Como vimos no decorrer desse trabalho, nos livros didáticos analisados há:

- a) Predominância da imagem do branco em relação à do negro;**
- b) Predominância de cor menos escura na imagem do negro;**
- c) Predominância da representação de um cotidiano típico aos modos de existência acessíveis às classes médias**
- d) Ausência de literatura infanto-juvenil que aborde as masculinidades negras;**
- e) Silenciamento do homem negro.**

Ou seja, os livros didáticos analisados continuam colocando as masculinidades negras em posições de desprestígio e marginalidade.

Para finalizar esse artigo, vamos parafrasear o trecho, apresentado a seguir, do artigo jornalístico do livro do 9º ano que aborda a questão do racismo:

Vamos aos bancos de reservas. Nos grandes times nacionais, há dois técnicos negros [...].

[...] E não há negros no futebol? Ora, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. [...] E nenhum deles teve a capacidade de ascender a cargos importantes após o final de sua carreira? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista?

Vamos parafraseá-lo para fazermos perguntas ao livro didático em questão:



Vamos aos livros didáticos. Em livros selecionados e indicados pelo governo, há muito menos negros que brancos.

E não há negros na sociedade brasileira? Ora, a sociedade brasileira foi formada por mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. E por que eles não estão satisfatoriamente representados no livro didático? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista?

## Conclusão

As masculinidades negras aparecem nos livros didáticos analisados, mas o que mais importa não é o fato de elas aparecerem, e sim de como aparecem. E este funcionamento contribui para a construção e reiteração dos sentidos de homens e meninos brancos e de homens e meninos negros no imaginário nacional produzido no aparelho escolar sobre o Brasil e os brasileiros.

Os sujeitos negros aparecem predominantemente por meio dos desenhos dos livros, mas também em algumas fotos. Os desenhos obedecem regularmente a um esquema, em que o negro se faz presente em grupos, mas frequentemente é minoria. Em pouquíssimos casos vemos um grupo só de negros, como na ilustração com um avô e uma neta negra, no livro do 5º ano; quando isso acontece, é da ordem mesmo do acontecimento, e não da regularidade.



amília que conte  
a sobre os contos

Fonte: CEREJA e MAGALHÃES, 2017a, p. 28.



Esse esquema que apresenta o negro, mas sempre o coloca em minoria, parece uma estratégia pensada, refletida e está relacionada às condições de produção do livro didático, ou seja, um livro que é feito também para ser avaliado por uma comissão de especialistas na área, formada pelo governo, que o autoriza a entrar num catálogo ou não; é a partir deste catálogo de livros autorizados que as obras podem ser solicitados pelas escolas e, assim, compradas pelo governo, conforme já abordamos. No livro do 5º ano essa estratégia acontece em todo o livro – o que não acontece com o livro do 9º ano-, buscando atender a uma demanda de inclusão do negro no livro didático; parece ser uma estratégia da editora para facilitar a aprovação do livro.

Entretanto, não há evidente uma preocupação dos autores em abordar as masculinidades de forma mais igualitária ao longo do livro, nem mesmo em algum momento específico. A grande maioria dos textos de diversos gêneros presentes no livro também não mostram tal preocupação. O efeito disso é privilegiar, intencionalmente ou não, as masculinidades tradicionalmente consideradas hegemônicas, que são brancas.

Outra questão importante é que a maioria dos alunos da escola pública são de classe baixa, e a maior parte dos sujeitos de classe baixa são negros no Brasil, portanto os alunos vindos dessa classe não vivem a vida da classe média segura e confortável, vida que os livros em questão apresentam predominantemente. Como ter identificação com um livro, com um ensino que não fala com dignidade de sua vida, de seus problemas, de suas alegrias, de suas trajetórias, de suas experiências bem sucedidas? Aqui nós lembramos do livro de contos “Muito como um rei”, do escritor Fábio Mandingo. Nele, fala-se de uma realidade que também existe: a do pobre, a do negro, a do favelado, a do suburbano. Neste livro, a narrativa também celebra a vida digna simples e humilde do pobre e do negro: o passear pela cidade com os amigos, enfrentando os perigos e vivendo aventuras; o beijo, o grande amor; a comida gostosa na casa dos parentes; o jogo de basquete no clube; os ensaios do Olodum e sua batida que nunca mais será esquecida; os filmes da sessão da tarde; os cuidados e afetos de quem se gosta. Às vezes nos esquecemos, e nos esquecemos também porque querem que nos esqueçamos, mas narrativas como a de Fábio Mandingo nos faz lembrar de que “Todo menino é um rei”.



## **Referências**

- CECCHETTO, F. R. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens: 5<sup>o</sup>. ano. 6<sup>a</sup> ed. reform. São Paulo: Atual, 2017a.
- CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens: 9<sup>o</sup>. ano. 8<sup>a</sup>. ed. 1<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Atual, 2017b.
- CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.
- FAUSTINO (NKOSI), D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo In: BLAY, Eva Alterman (org.) Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: LÍNGUA PORTUGUESA) Brasil. Ministério da Educação. PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016. 98 p.
- MANDINGO, Fábio. Muito como um rei. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, F. A. A semântica e a relação entre linguística e análise do discurso. In: Revista do Gelne: Piauí, vol. 11, no. 1, 2009.
- OLIVEIRA, F. A. Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil. Campinas, SP. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 2015.
- ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 5<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte, MG: Letramento; Justificando, 2017.



## Sites

BARROS, R. In: Acesso de negros à educação melhora em termos quantitativos, mas não qualitativos In: REVISTA EDUCAÇÃO. Edição 238. 13 de abril de 2017. <http://www.revistaeducacao.com.br/acesso-de-negros-educacao-melhora-em-termos-quantitativos-mas-nao-qualitativos/>, acessado em 22 de janeiro de 2019.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO/ FNDE. PROGRAMAS DO LIVRO <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro>, acessado em 16 de março de 2018.

Ministério da Educação. PNLD. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>, acessado em 13 de março de 2018.

OLIVEIRA, N. IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza. In: AGÊNCIA BRASIL. Publicado em 15/12/2017 <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>, acessado em 27 de janeiro de 2019.



## Anexo I: Coleções mais distribuídas de Língua Portuguesa - PNLD 2017 - Anos Finais do Ensino Fundamental

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FND  
PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD

COLEÇÕES MAIS DISTRIBUÍDOS - PNLD 2017 - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
Língua Portuguesa

Item	Código da Coleção	Nome da Coleção	Código do Livro	Nome do Título	Tipo	Qtde de Exemplares	Qtde de Exemplares
1º	0055P17012	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	0055P17012006I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.572.329	5.792.925
			0055P17012006E	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	32.971	
			0055P17012007I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.472.436	
			0055P17012007E	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	32.035	
			0055P17012008I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.365.793	
			0055P17012008E	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	31.133	
			0055P17012009I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.255.918	
			0055P17012009E	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	30.315	
2º	0061P17012	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	0061P17012006I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	305.353	1.108.194
			0061P17012006E	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	7.279	
			0061P17012007I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	279.440	
			0061P17012007E	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.976	
			0061P17012008I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	258.930	
			0061P17012008E	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.760	
			0061P17012009I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	236.898	
			0061P17012009E	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.562	
3º	0101P17012	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS	0101P17012006I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 6	LIVRO DO ALUNO	302.318	1.099.005
			0101P17012006E	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 6	MANUAL DO PROFESSOR	7.169	
			0101P17012007I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 7	LIVRO DO ALUNO	279.456	
			0101P17012007E	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 7	MANUAL DO PROFESSOR	6.963	
			0101P17012008I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 8	LIVRO DO ALUNO	256.071	
			0101P17012008E	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 8	MANUAL DO PROFESSOR	6.615	
			0101P17012009I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 9	LIVRO DO ALUNO	234.039	
			0101P17012009E	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 9	MANUAL DO PROFESSOR	6.377	
4º	0034P17012	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS	0034P17012006I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 6º ANO	LIVRO DO ALUNO	279.078	1.023.304
			0034P17012006E	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 6º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.616	
			0034P17012007I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 7º ANO	LIVRO DO ALUNO	258.185	
			0034P17012007E	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 7º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.374	
			0034P17012008I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 8º ANO	LIVRO DO ALUNO	240.196	
			0034P17012008E	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 8º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.156	
			0034P17012009I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 9º ANO	LIVRO DO ALUNO	220.755	
			0034P17012009E	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 9º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.942	
5º	0139P17012	TECENDO LINGUAGENS	0139P17012006I	LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO	LIVRO DO ALUNO	276.925	1.017.914
			0139P17012006E	LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.712	
			0139P17012007I	LÍNGUA PORTUGUESA - 7º ANO	LIVRO DO ALUNO	258.359	
			0139P17012007E	LÍNGUA PORTUGUESA - 7º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.520	
			0139P17012008I	LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO	LIVRO DO ALUNO	240.238	
			0139P17012008E	LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.311	
			0139P17012009I	LÍNGUA PORTUGUESA - 9º ANO	LIVRO DO ALUNO	220.722	
			0139P17012009E	LÍNGUA PORTUGUESA - 9º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.137	
6º	0073P17012	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA	0073P17012006I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 6	LIVRO DO ALUNO	289.112	745.592
			0073P17012006E	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 6	MANUAL DO PROFESSOR	5.276	
			0073P17012007I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 7	LIVRO DO ALUNO	188.011	
			0073P17012007E	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 7	MANUAL DO PROFESSOR	5.033	
			0073P17012008I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 8	LIVRO DO ALUNO	171.830	
			0073P17012008E	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 8	MANUAL DO PROFESSOR	4.844	
			0073P17012009I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 9	LIVRO DO ALUNO	156.808	
			0073P17012009E	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 9	MANUAL DO PROFESSOR	4.672	

Fonte: FNDE, 2018.



## Anexo II: Coleções mais distribuídas de Língua Portuguesa - PNLD 2016 - 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

- UNIC NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO  
Programa Nacional de Livro Didático - PNLD

ENSINO FUNDAMENTAL I - 1º AO 5º ANO

PNLD 2016 - Coleções mais distribuídas por componente curricular

Língua Portuguesa - 4º e 5º Ano					
Seq.	Código Livro	Título do Livro	Tipo L: Livro do Aluno M: Livro do Professor	Qtde de Exemplares	Qtde por Coleção
1º	27706C0122	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 4º ANO	L	503.624	1.045.205
	27706C0122	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 4º ANO	M	18.682	
	27706C0123	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 5º ANO	L	504.194	
	27706C0123	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 5º ANO	M	18.705	
2º	27889C0122	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	L	333.497	689.283
	27889C0122	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	M	12.146	
	27889C0123	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	L	331.557	
	27889C0123	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	M	12.083	
3º	27877C0122	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	L	297.883	618.415
	27877C0122	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	M	11.110	
	27877C0123	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	L	298.257	
	27877C0123	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	M	11.165	
4º	27902C0122	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	L	190.440	392.521
	27902C0122	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	M	6.960	
	27902C0123	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	L	188.209	
	27902C0123	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	M	6.912	
5º	27802C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	L	160.874	332.518
	27802C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	M	5.739	
	27802C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	L	160.164	
	27802C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	M	5.741	
6º	27880C0122	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	153.557	317.546
	27880C0122	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	5.611	
	27880C0123	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	152.758	
	27880C0123	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	5.620	
7º	27726C0122	APRENDER JUNTOS LÍNGUA PORTUGUESA	L	150.772	310.464
	27726C0122	APRENDER JUNTOS LÍNGUA PORTUGUESA	M	5.454	
	27726C0123	APRENDER JUNTOS LÍNGUA PORTUGUESA	L	148.823	
	27726C0123	APRENDER JUNTOS LÍNGUA PORTUGUESA	M	5.415	
8º	27798C0122	LIGADOS.COM LÍNGUA PORTUGUESA	L	126.978	262.818
	27798C0122	LIGADOS.COM LÍNGUA PORTUGUESA	M	4.557	
	27798C0123	LIGADOS.COM LÍNGUA PORTUGUESA	L	126.685	
	27798C0123	LIGADOS.COM LÍNGUA PORTUGUESA	M	4.598	
9º	27862C0122	PEQUENOS EXPLORADORES LÍNGUA PORTUGUESA	L	49.774	104.460
	27862C0122	PEQUENOS EXPLORADORES LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.861	
	27862C0123	PEQUENOS EXPLORADORES LÍNGUA PORTUGUESA	L	50.911	
	27862C0123	PEQUENOS EXPLORADORES LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.914	
10º	27804C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	L	45.471	95.997
	27804C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	M	1.666	
	27804C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	L	47.153	
	27804C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	M	1.707	
11º	27801C0122	LÍNGUA PORTUGUESA	L	40.567	84.560
	27801C0122	LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.545	
	27801C0123	LÍNGUA PORTUGUESA	L	40.881	
	27801C0123	LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.567	
12º	27825C0122	MANACÁ LÍNGUA PORTUGUESA	L	39.059	80.550
	27825C0122	MANACÁ LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.484	
	27825C0123	MANACÁ LÍNGUA PORTUGUESA	L	38.499	
	27825C0123	MANACÁ LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.508	
13º	27838C0122	MUNDO AMIGO LÍNGUA PORTUGUESA	L	38.505	79.588
	27838C0122	MUNDO AMIGO LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.456	
	27838C0123	MUNDO AMIGO LÍNGUA PORTUGUESA	L	38.183	
	27838C0123	MUNDO AMIGO LÍNGUA PORTUGUESA	M	1.444	
14º	27803C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	L	15.349	31.168
	27803C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	M	580	
	27803C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	L	14.675	
	27803C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	M	564	



15º	27921C0122	PROJETO NAVEGAR - PORTUGUÊS	L	11.623	23.462
	27921C0122	PROJETO NAVEGAR - PORTUGUÊS	M	453	
	27921C0123	PROJETO NAVEGAR - PORTUGUÊS	L	10.932	
	27921C0123	PROJETO NAVEGAR - PORTUGUÊS	M	454	
16º	27652C0122	A AVENTURA DA LINGUAGEM - 4º ANO	L	11.168	22.579
	27652C0122	A AVENTURA DA LINGUAGEM - 4º ANO	M	422	
	27652C0123	A AVENTURA DA LINGUAGEM - 5º ANO	L	10.577	
	27652C0123	A AVENTURA DA LINGUAGEM - 5º ANO	M	412	

**Fonte: FNDE, 2018.**



## Les masculinités noires dans le livre didactique de langue portugaise

**RÉSUMÉ:** Dans ce travail, on analyse le discours sur les masculinités noires dans les livres didactiques de langue portugaise dans l'enseignement fondamental (de 6 à 14 ans) au Brésil, à partir de la théorie d'analyse du discours de Michel Pêcheux. Deux livres qui se trouvent entre les plus sollicités par les professeurs du réseau scolaire public et achetés par le Programme national du livre didactique (PNLD) dans ses deux dernières éditions ont été sélectionnés pour cette analyse: un de la 5<sup>e</sup> année et l'autre de la 9<sup>e</sup> année de l'enseignement fondamental. Vu que le livre didactique est un important instrument pour la formation scolaire formelle d'enfants et adolescents, considérant son utilisation et sa prédominance dans ce processus de scolarisation ainsi que son potentiel de "transmission" d'idéologies, on estime de grande importance son analyse en plusieurs aspects. Dans le cas du livre didactique de portugais, il y a une spécificité: il "véhicule" des idéologies très diverses qui peuvent même être divergentes car il apporte des textes de nature diverse, de tous genres, de divers domaines et différentes époques. En ce qui concerne les masculinités noires, la principale question qui se pose est s'il y a de la représentation de ces subjectivités et, s'il y en a, comment est-elle construite et quelles significations véhicule-t-elle. On considère essentiel évaluer comment le livre didactique de portugais traite les questions des masculinités noires, s'il reproduit ou remet en question les significations de la masculinité considérées toxiques ; s'il est ouvert à une diversité des masculinités, en tenant compte de multiples possibilités de sexualité, genre et classe, par exemple ; et s'il reproduit, dissimule ou stimule la réflexion sur le racisme.

**KEYWORDS:** Masculinités noires. Livre didactique. Discours.

**Fábio Araújo OLIVEIRA**

*Doutor em Análise do Discurso pela UNICAMP, professor assistente de Linguística e Língua Portuguesa do Departamento de Ciências Humanas (DCH/ V) da UNEB e membro do grupo de pesquisa Mulheres em Discurso (MULHERdis), na UNICAMP.*